



---

## O Medo, a Coragem e a Política

---

Erich Carlton

---

A psicanálise pode contribuir com a compreensão do significado do medo e da coragem para a luta política. Isto é fundamental e também serve para ressaltar a importância da psicanálise para a luta política, além de ajudar-nos a compreender alguns acontecimentos políticos e sua relação com determinados sentimentos humanos.

O medo é um sentimento que se caracteriza pela fuga do outro, do estranho, do novo, do diferente, do que não é o próprio eu. O medo, assim, provoca o isolamento, o retraimento. O medo impede a ação, a luta, o conflito. O medo gera o imobilismo, o quietismo, a solidão, o isolamento. O medo é temor do desconhecido, do envolvimento. É, como disse um psicólogo, a vontade de “voltar para o útero”, um lugar seguro, tranquilo, sem conflitos, sem contatos externos. O medo é enfiar a cabeça na areia para não ver o mundo ao seu redor e pode se manifestar através das mais bárbaras racionalizações, do tipo: “não devo me envolver com as impurezas do mundo” (sejam elas religiosas, biológicas, políticas, amorosas, ou quaisquer outras...) ou então: “devo ser humilde, respeitar as autoridades” (não contestá-las...). Ditos comuns revelam o medo: “Quem sou eu para questionar isto?” A coragem é o desafio, o ir ao encontro do desconhecido, do novo, do diferente, do estranho. É a busca do outro. A coragem provoca a ação, a luta, o conflito. Por conseguinte, a coragem é o oposto do medo. A coragem é, metaforicamente, “sair do útero”, enfrentar o mundo. A coragem permite a descoberta, a invenção, a ousadia, o conflito.

A fonte do medo é a insegurança, a falta de autoestima, a falta de confiança em si mesmo. E isto tudo é produto da história do indivíduo escrita pelas relações sociais de uma sociedade repressiva, produtora de inibição. O medo é constituído socialmente na mente dos indivíduos pela sociedade, tanto via família como por outros meios de



socialização. A fonte da coragem é a segurança, a autoestima, a confiança em si mesmo. Também isto é produto da história do indivíduo proporcionada por sua constituição social. No entanto, a coragem é não só oposta ao medo como é um caso raro, pois entra em contradição com a sociedade repressiva. Ora, mas esta própria sociedade deve incentivar um pouco de coragem, pois uma sociedade de medrosos seria autodestrutiva. No entanto, alguns indivíduos conseguem, devido a elementos de sua história individual, desenvolver mais coragem do que os demais (bem como alguns desenvolvem mais medo do que os outros, sendo, pois, que alguns indivíduos ultrapassam a média em matéria de medo ou coragem). Não é preciso dizer que todo indivíduo possui uma dose tanto de medo quanto de coragem, o que muda é qual sentimento predomina e em que intensidade.

O que isto tudo tem a ver com a luta política, além do fato de ser constituído socialmente e ser produto da sociedade repressiva? Ora, quanto mais medrosos tivermos no mundo, menos revolucionários, pois para ser um revolucionário é preciso ter coragem. E, inversamente, quanto mais corajosos no mundo, mais provavelmente teremos indivíduos dispostos a enfrentar a sociedade repressiva. Mas, além disso, esta análise serve para avaliar e compreender o comportamento de determinados indivíduos mas também grupos, classes, organizações, movimentos sociais. Em outras palavras, esta análise dos indivíduos na sociedade repressiva pode ser estendida a coletividades.

Aqui se destaca a importância desta análise para compreendermos grupos sociais oprimidos. Os grupos sociais oprimidos recebem, devido sua opressão, uma carga maior de repressão, o que serve para constituir um *quantum* maior de indivíduos inseguros e, derivado disso, um medo mais intenso do que a média. Isto se reflete, por exemplo, nos movimentos sociais que expressam os interesses de tais grupos. Não é sem motivo que setores do movimento negro trabalham a questão da “autoestima”, “identidade” e dignidade do povo negro e o movimento das mulheres também apresentem, em alguns casos, questões semelhantes. Existem outros casos que



poderíamos citar, mas estes são suficientes. Isto também explica por qual motivo os grupos políticos (que não compartilham uma opressão comum e sim uma concepção política comum) possui esta dificuldade em menor grau. No entanto, eles não estão livres disso, principalmente quando são compostos por um *quantum* de indivíduos oriundos de grupos sociais oprimidos.

Mas é preciso acrescentar um outro elemento: o medo significa repressão interiorizada, o que se traduz em insatisfação, infelicidade, desejo de mudar. O medo traz em si sua negação, que, uma vez manifesta, passa a ser coragem. Em *Metamorfose*, de Kafka, o homem que nega o trabalho alienado se transforma num inseto. Ele recusa, mas com medo, e por isso se destrói. O homem se transforma em um inseto se não tem coragem de desafiar a sociedade repressiva. Ele se refugia no lar, ou melhor, no quarto, e não enfrenta, não luta, foge, e assim se transforma num animal, perde sua humanidade. Assim, o medo nos transforma em seres infelizes e retraídos, seja no quarto, tal como um inseto que se esconde dos seres humanos. Um medroso não pode carregar uma utopia na sua mão, pois sua mente não lhe permite sonhar e agir, pois isto gera o encontro com o outro. O corajoso pode criar e lutar. *O medo é conservador e a coragem é revolucionária.*

A coragem pode ser vista em *O Pequeno Príncipe*, de Antoine de Saint-Exupéry, obra que mostra um menino que sai de seu pequeno mundo e encontra outros mundos e não se contamina por eles, pois além de corajoso, ele é humanista, trabalha com a essência, “invisível aos olhos” e não com a aparência. A coragem é revolucionária desde que não seja objetivo em si mesma ou com objetivos pouco nobres (com a do carrasco, a do oportunista ou a do raivoso) sendo parte de um projeto de vida e de transformação social que busca o novo, a utopia, a emancipação humana.

Esta oposição entre medo e coragem pode ser vista neste trecho de Rollo May:

*“Temos uma escolha. Fugir em pânico ante a iminência do desmoronamento das nossas estruturas; acovardar-nos com a perda dos portos conhecidos; ficar paralisados, inertes e apáticos. Fazendo isso,*

# Marxismo e Autogestão

**Marxismo e Autogestão, Ano 01, Num. 02, jul./dez. 2014**

*estamos abrindo mão da oportunidade da formação do futuro. Estamos negando a característica mais distintiva do ser humano – influenciar a evolução do meio do reconhecimento consciente – , capitulando frente à força destrutiva e cega da história, desistindo de moldar uma sociedade futura mais justa e mais humana. Ou será que devemos lançar mão de toda coragem necessária para preservar nossos sentimentos, nossa consciência e responsabilidade ante a mudança radical? Participar conscientemente, mesmo em pequena escala, da formação da nova sociedade? Espero que esta seja a escolha, pois nela baseio minha dissertação” (A Coragem de Criar).*

Concordo totalmente com isto, pois devemos ter coragem de desafiar o mundo e lutar por um mundo novo, pois somos seres humanos ou insetos? A resposta a esta pergunta significa nosso posicionamento diante da vida.